

## **SANTOS-DUMONT E O CENTENÁRIO DO VÔO DO 14-BIS**

José Antônio de Ávila Sacramento

Há cem anos<sup>1</sup> um homem voou pela primeira vez em um aparelho mais pesado que o ar, utilizando-se unicamente dos recursos da própria máquina. Alberto Santos=Dumont<sup>2</sup>, nascido em 20/07/1873 na Fazenda Cabangu, Paróquia de Palmira, atualmente Município de Santos Dumont/MG, foi quem realizou o primeiro vôo, no dia 23 de outubro de 1906, a bordo da aeronave 14-Bis, nome dado ao aeroplano porque em testes ele foi acoplado ao Dirigível número 14; ele sobrevoou cerca de 220m do Campo de Bagatelle, na capital francesa, a cerca de 3 metros de altura, numa velocidade média de 41 km/h. Por ter cumprido as normas da Federação Aeronáutica Internacional (FAI) e do Aeroclube da França para a realização do primeiro "vôo mecânico", Santos-Dumont recebeu o título de "Pai da Aviação" e arrebatou 3.000 francos do prêmio Archdeacon criado em julho de 1906 para agraciar o primeiro aeronauta que conseguisse voar por mais de 25 metros num vôo nivelado.

Os parisienses ficaram impressionados quando aquele estranho aparelho composto de caixas com hastes montadas em pinho e bambu recobertas com seda japonesa, com 10 metros de comprimento por 12 de envergadura, impulsionado por um motor de 24 cavalos começou a levantar vôo. Não era um simples aparelho: dotado de amortecedores, trem de aterrissagem, hélice de propulsão e leme, bases da aviação moderna, e numa cesta, entre as asas, estava o franzino Santos-Dumont; o feito virou notícia e o inventor passou a aparecer nos jornais com seus ternos impecáveis, gravatas de seda, colarinho alto e os tradicionais chapéus de abas baixas, indumentárias imitadas e tornaram-se modismos da época. No dia seguinte ao vôo, o jornal francês Le Fígaro publicou: "Santos Dumont é, com efeito, o primeiro que, devidamente fiscalizado, conseguiu, com os únicos recursos de seu aeroplano, deixar o solo e voar."

A façanha de Santos-Dumont despertou polêmica; os irmãos norte-americanos Orville e Wilbur Wright, mecânicos de bicicleta de Dayton, Estado de Ohio, reivindicaram para si o pioneirismo do vôo. O problema é que os irmãos Wright não cumpriram os critérios da FAI e do Aeroclube da França. O principal óbice é que o vôo do avião dos Wright foi catapultado, ou seja, necessitou de meios externos para alçar vôo<sup>3</sup>. Recentemente, para atizar ainda mais a polêmica, uma réplica do avião, construída em 2003, nos EUA, para comemorar o vôo dos Wright, não conseguiu sequer alçar vôo! No entanto, neste ano de 2006, durante as comemorações brasileiras, uma réplica do 14-Bis repetiu o feito, voando sem problemas pela Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

---

<sup>1</sup> Esta crônica foi escrita no ano de 2006, enquanto se comemorava o centenário do vôo do 14-BIS.

<sup>2</sup> Santos Dumont, num primeiro momento, adotou o sinal de igual "=" na assinatura forma afetuosa e simbólica de aproximar as origens francesa e brasileira da sua família, mas como as pessoas não compreenderam bem o significado, ele o trocou pelo sinal de hífen.

<sup>3</sup> Até 1910, para alçarem vôo, os aparelhos dos Wright precisavam ser impulsionados contra vento intenso, ladeira abaixo; o aparelho projetado por Santos Dumont deslocava-se do chão pelos próprios meios, voava e pousava sob total controle do piloto.

Santos-Dumont não foi apenas inventor de formidáveis engenhos aeronáuticos, ele foi um gênio em múltiplas atividades: inventou o chuveiro de água quente quando morou em Petrópolis/RJ, um balde perfurado e dividido ao meio para receber água quente e fria, acoplado a duas correntes de temperatura; idealizou uma espécie de “catapulta salva-vidas”, o canhão paradoxal, que atirava bóias de borracha na água, com alcance de até quase meio quilômetro de distância, e servia para salvar pessoas que estavam em vias de se afogarem; criou um motorzinho que podia ser acoplado nas costas de alpinistas e esquiadores, como se fosse uma mochila, e facilitava as escaladas das montanhas; o relógio de pulso foi uma peça desenvolvida pela relojoaria Maison Cartier de Paris mediante a reclamação de Dumont de que era difícil pegar o relógio no bolso para cronometrar o tempo de seus vôos, e, então, Cartier produziu um protótipo para ser usado no pulso dele e o batizou de “modelo Santos” (o relógio não foi uma inovação absoluta de Dumont: mulheres usavam relógio nos pulsos, mas apenas como jóias e sem a pretensão de marcas as horas),. Ele projetou um helicóptero com duas hélices; idealizou o primeiro hangar com o objetivo de ter um lugar adequado para guardar seus materiais e inventos; criou um aeroplano que possuía deslizadores aquáticos e pousava sobre as águas como os atuais hidroaviões; no ano de 1909 voou num monoplano pequenino e transparente que recebeu dos parisienses o apelido de Libélula ou Demoiselle (“senhorita” em francês), considerado o precursor dos ultraleves. Santos-Dumont realizou importantes inovações, com rapidez e concebeu mais de duas dezenas de inventos importantes para o progresso da humanidade.

Apesar do reconhecimento internacional à importância dos seus inventos, sucederam-se anos de sofrimento a Santos-Dumont. Adoentado e depressivo, ele nunca aceitava o fato de que a invenção do avião fosse utilizada para fins bélicos, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial; ele acreditava que o aparelho de voar deveria servir para unir pessoas e ser utilizado para fins pacíficos, como meio de transporte e de lazer, mas não era isto que ele percebia...

Em 03 de dezembro de 1928, quando Santos-Dumont voltava ao Brasil a bordo do navio Cap. Arcona, um grande transatlântico alemão de luxo, amigos, alunos e professores planejaram uma pomposa recepção ao herói nacional: um hidroavião da empresa Condor Syndikat, batizado com o nome do “Pai da Aviação”, voaria e jogaria flores sobre o navio, além de lançar uma mensagem de boas-vindas através d’um pára-quadras. As homenagens ocorreriam assim que a embarcação que trazia o inventor entrasse na Baía de Guanabara. Infelizmente, numa manobra de contorno, uma das asas do avião tocou nas águas e o aparelho sumiu no fundo da baía, matando todos os tripulantes, dentre eles vários amigos de Santos Dumont: Tobias Moscoso, Amauri de Medeiros, Ferdinando Laboriau, Frederico de Oliveira Coutinho, Amoroso Costa e Paulo de Castro Maia. O desastre fez com que o estado de tristeza do inventor aumentasse.

No ano de 1932, quando irrompeu o Movimento Constitucionalista de São Paulo e a luta entre os rebeldes e o governo desencadeou-se, aeronaves foram utilizadas nos combates. Naquela altura, inconformado, Dumont escreveu uma mensagem aos brasileiros posicionando-se contra a luta fratricida, e se culpava sempre: “eu inventei a maior desgraça do mundo”.

Profundamente desolado, Santos-Dumont acabou com a vida em 23 de julho de 1932, aos 59 anos: enforcou-se com duas gravatas, no banheiro do Hotel La Plage, no balneário paulista de Guarujá. A certidão de óbito dele ficou “desaparecida” por mais de 20 anos para que a morte por suicídio fosse propositalmente esquecida; os governantes da época e os que se sucederam acreditavam que a um herói nacional não caberia figurar nos livros de história como suicida, e dizia-se que ele havia morrido de infarto.

Numa reportagem assinada por Edmar Morel, em 16 de outubro de 1974, publicada na revista *O Cruzeiro*, assim foi noticiado: “Uma noite, recebi a informação vinda de Guarujá de que o grande inventor fora encontrado morto no banheiro. Organizei a caravana e para lá seguimos. No “Hotel La Plage”, o mais elegante daquela praia, tivemos que arrambar a porta do banheiro, por cuja claraboia se avistava o corpo pendurado numa gravata ou num cordão de roupão. Magríssimo, era ele um feixe de ossos. Persuadido de que era o culpado pela invenção do avião, que estava servindo para bombardear os seus patrícios, disse por várias vezes a Edu Chaves, com quem se encontrava alojado no hotel, que se sentia angustiado por isso. Aproveitando um instante de descuido realizou o seu intento: enforcou-se. Comuniquei imediatamente ao chefe de Polícia, dr. Tirso Martins, o ocorrido, bem como o pedido da família para que lhe fosse entregue o corpo, sem maiores formalidades legais. Autorizado, assim procedi, tendo por isso os jornais do dia seguinte anunciado o episódio como morte natural, havendo o médico legista dr. Roberto Catunda dado o atestado assim afirmando. Não houve inquérito policial. Tratava-se de uma glória nacional. Daí a ordem da Secretaria de Segurança, a pedido da família. Eis o que sei a respeito.”.

Do termo 319, lavrado no livro C-3, folha 15, constou que “aos 23 de julho de 1932, em Guarujá, compareceu Próspero Ângelo Esmolari e declarou que em seu apartamento do Grande Hotel do Guarujá, neste Distrito, às 11 horas do dia de hoje, faleceu o cidadão Alberto Santos Dumont, sexo masculino, cor branca, solteiro, engenheiro inventor, natural do Estado de Minas Gerais e residente em São Paulo, com 59 anos de idade”; atestou o óbito o médico Roberto Catunda, que deu como causa-morte “colapso cardíaco”. Esmolari era o gerente do La Plage, hotel que não existe mais porque foi demolido e deu lugar a prédios residenciais e comerciais; numa praça próxima, em 1971, inauguraram um busto do inventor.

Como se percebe, o laudo necrológico de Santos-Dumont foi uma mentira; o médico legista foi instado a forjar o atestado de óbito. Ele não teve um colapso cardíaco, mas, na verdade, enforcou-se no banheiro do hotel. Especula-se que o governo paulista teria insistido na dispensa da autópsia e impedido a abertura de um inquérito; foram ajeitados os trâmites e só tempos depois é que a verdadeira causa da morte veio à tona.

A morte de Santos-Dumont deu trégua de um dia aos combates da Revolução de 32; o general Goes Monteiro, comandante das tropas legalistas, proclamou que no dia 25 de julho, “em homenagem à memória do imortal pioneiro da aviação, as unidades aéreas do Destacamento do Exército Leste deixarão de bombardear hoje as posições militares inimigas”, e na mesma data o presidente Getúlio Vargas decretou luto oficial de três dias no País. Na capital paulista, o corpo foi

trasladado para a cripta da Catedral da Sé, onde permaneceu por seis meses, de julho a dezembro de 1932. Depois, quando cessaram os conflitos entre paulistas e tropas federais, o corpo dele, embalsamado, foi levado de São Paulo para o Rio de Janeiro. O médico responsável pelo embalsamamento, Walther Haberfeld, removeu e preservou o coração de Santos Dumont sem que ninguém soubesse, e anos depois, em 1944, ofereceu o órgão à família; como a oferta foi recusada, o coração foi doado para o governo com a condição de que fosse exposto num local público; assim, o órgão foi preservado dentro de uma esfera banhada a ouro que está exposta no Museu da Força Aérea Brasileira, no Campo dos Afonsos, cidade do Rio de Janeiro.

No dia 26 de julho de 2006, ano do centenário do seu primeiro vôo, Alberto Santos-Dumont recebeu uma das maiores honrarias nacionais: o nome dele foi inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, no Panteão da Pátria e da Liberdade, monumento situado na Praça dos Três Poderes, em Brasília<sup>4</sup>, reconhecimento meritório àquele que a partir das suas invenções aeronáuticas, especialmente a façanha do voo realizado a bordo do 14-Bis, fez com que a aviação começasse a se desenvolver com agilidade e eficiência. Se hoje temos à disposição máquinas voadoras seguras, os méritos devem ser creditados ao grande brasileiro que acreditou poder voar como os pássaros e nos seus sonhos de infância inspirados pelas obras de Júlio Verne. São exemplos de homens como Santos-Dumont que nos deixam orgulhosos de ser brasileiros!



O vôo do 14-Bis na capa do *Le Petit Journal* de 25.11.1906



<sup>4</sup> O Panteão foi construído para prestar homenagens a personalidades que enalteceram a pátria e/ou que lutaram em defesa da liberdade do País. Até o momento, dez nomes estão inscritos no livro de aço que integra o monumento: Joaquim José da Silva Xavier, o nosso conterrâneo *Tiradentes* (1746-1792); Duque de Caxias (1803-1880); Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892); Zumbi dos Palmares (1655-1695); José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838); Plácido de Castro (1873-1908); Almirante Tamandaré (1807-1897); Almirante Barroso (1804-1882); **Alberto Santos Dumont (1873-1932)** e Dom Pedro I (1798-1834).